



MEDIEVALISTA

N.º 39 | Janeiro – Junho 2026

ISSN 1646-740X

---

**Ecos medievais na *Gondal* de Anne Brontë: reflexões culturais sobre as poesias anglo-saxónica e vitoriana**

**Medieval echoes in Anne Brontë's *Gondal*: cultural reflections on Anglo-Saxon and Victorian poetry**

***Sónia Aires Lima***

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa  
1600-214 Lisboa, Portugal

sonialima@edu.ulisboa.pt

<https://orcid.org/0000-0002-7682-5426>

Data recepção do artigo / Received for publication: 7 de Fevereiro de 2025

Data aceitação do artigo / Accepted in revised form: 21 de Julho de 2025

**DOI:** <https://doi.org/10.34619/vrpo-ymtt>

## RESUMO

Nenhum período histórico existe em completo isolamento dos demais. Os acontecimentos interligam-se e as ideias transitam ao longo do tempo. Apesar de aparentemente distante, a voz dos antepassados manifesta-se através de tradições, simbolismos ou da continuidade de aspetos fundamentais da condição humana, que permanecem, em certa medida, inalterados. Tal é o caso da Idade Média, frequentemente percebida como remota, mas que, em momentos específicos, revela uma surpreendente proximidade com questões contemporâneas.

Este artigo analisa a posição social da mulher, destacando padrões de restrição de movimentos, dúvidas sobre as suas capacidades físicas, morais e intelectuais, e uma misoginia, ora velada, ora explícita, que atravessam tanto a Alta Idade Média como o período vitoriano. Apesar da distância temporal, ambos os contextos refletem sociedades estruturadas por dinâmicas patriarcais semelhantes.

A literatura, em particular a poesia, constitui neste estudo um instrumento essencial para a compreensão de modelos sociais e culturais. A poesia anglo-saxónica de voz feminina e a *juvenilia* de Anne Brontë, especialmente a poesia de *Gondal*, exploram questões de género e poder, refletindo tensões culturais que ecoam concepções medievais e vitorianas. O universo poético evidencia o potencial da literatura para transcender barreiras temporais, revelando padrões sociais persistentes e desafiando normas culturais estabelecidas.

**Palavras-chave:** Estudos Medievais; Era Vitoriana; Anne Brontë; *The Wife's Lament*; *Gondal*.

## ABSTRACT

No historical period exists in complete isolation from others. Events and ideas are interconnected across time, forming a continuum. Although seemingly distant, the voice of the past lingers on, manifesting through traditions, symbols, and the enduring aspects of human nature, which remain, to some degree, unchanged. The Early Middle Ages, often perceived as remote, frequently reveals surprising parallels with contemporary issues.

This essay examines the social condition of women, highlighting recurring patterns of restricted mobility, scepticism towards their physical, moral, and intellectual capacities, and the enduring presence of misogyny—whether implicit or explicit—in both medieval and Victorian societies. Despite being separated by centuries, these periods were shaped by patriarchal structures that exhibit striking similarities.

Anglo-Saxon poetry written in a female voice and Anne Brontë's *juvenilia*, particularly the poetry of *Gondal*, explore issues of gender and power, reflecting cultural tensions that resonate with both medieval and Victorian conceptions. The poetic universe underscores literature's ability to transcend temporal boundaries, revealing persistent social patterns and challenging established cultural norms.

**Keywords:** Medieval Studies; Victorian Age; Anne Brontë; *The Wife's Lament*; *Gondal*.



Tendemos frequentemente a analisar certos períodos do passado com uma visão distanciada, como se aqueles que viveram então fossem seres com um sangue e uma dor diferentes dos nossos. Ao fazê-lo, deixamos de considerar a verdadeira dimensão dos conceitos de alteridade e de humanidade e, por conseguinte, as vozes que continuam a ecoar, apesar do tempo que passou. “Ver com olhos medievais é impossível para nós”<sup>1</sup>, escreve Laura Kendrick, acrescentando, contudo, que é possível “utilizar descrições de imagens medievais — passagens *ecfrásticas*<sup>2</sup> — como “lentes” para corrigir as distorções da nossa visão moderna”<sup>3</sup>. De facto, tendo em conta os contextos contemporâneos, é praticamente impossível para o indivíduo do século XXI olhar para o passado com um olhar medieval e, acrescentaria, vitoriano. Assim, para colmatar esta lacuna, recorreremos à descrição textual<sup>4</sup> — ou seja, a uma forma de *ekphrasis*<sup>5</sup> — que pode contribuir para que ultrapassemos as barreiras da perspetiva moderna.

A literatura, dado seu carácter documental<sup>6</sup>, constitui um valioso instrumento para a representação cultural, permitindo o estudo de períodos e épocas de forma

<sup>1</sup> KENDRICK, Laura – “Visual Texts in Post-Conquest England.” In GALLOWAY, Andrew (ed.) – *The Cambridge Companion to Medieval Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 149.

<sup>2</sup> Ver a nota 4.

<sup>3</sup> KENDRICK, Laura – “Visual Texts in Post-Conquest England”, p. 149.

<sup>4</sup> Susana Passos Medina descreve *ekphrasis*, numa “definição lata, como a descrição literária ou pictórica de um objeto real ou imaginário. [...] Numa definição mais ampla referir-se-ia a uma descrição virtuosa da realidade física (objectos, sentidos, pessoas) com o intuito de evocar uma imagem mental tão intensa como se o objecto real descrito estivesse perante os olhos do leitor. Ver MEDINA, Susana Passos – “ECPHRASIS ou EKPHRASIS”. In SEIA, Carlos (coord) – *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em linha: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ecphrasis> [Consultado a 7 de Fevereiro de 2025].

<sup>5</sup> Mário Avelar afiança ainda que “a hospitalidade do poema face a discursos e/ou estratégias de representação próprios de outras artes, permite-lhe conceber peculiares verbalizações. A estas associa-se uma prática de enunciação específica, a *ekphrasis*”. Ver AVELAR, Mário – *Ekphrasis. O poeta no atelier do artista*. Lisboa: Edições Cosmos, 2006, p. 9.

<sup>6</sup> Raymond Williams descreve três categorias através das quais é possível definir a cultura: a categoria “ideal”, em que a cultura representa um processo de transformação constante na procura do progresso humano; a categoria “documental”, na qual reside a produção do trabalho artístico e intelectual; e a categoria “social”, diretamente relacionada com os modos de vida expressos não só através da arte ou dos valores, mas também através das instituições e do movimento dos indivíduos na sociedade. A análise documental da cultura “é de grande importância porque pode apresentar provas específicas sobre toda a estrutura em que a sua produção se inseriu”. Ver WILLIAMS, Raymond – “The Analysis of Culture”. In *Cultural Theory and Popular Culture. A Reader*. Georgia: The University of Georgia Press, 1998, p. 48.

abrangente, na medida em que pode fornecer provas específicas sobre a realidade em que foi formulada<sup>7</sup>. De igual modo, a poesia, tal como descrita por Aristóteles na obra *Poética* (c. 335 a.C.), apresenta características reflexivas que reforçam a afirmação desta dimensão documental:

“Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas, naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações. [...] A poesia dividiu-se de acordo com o carácter de cada um: os mais nobres imitaram ações belas e ações de homens bons e os autores mais vulgares imitaram ações de homens vis, compondo primeiramente sátiras, enquanto os outros compunham hinos e encómios”<sup>8</sup>.

Williams observa que, na perspetiva de Aristóteles, a arte é essencialmente uma representação da realidade. Ao imitar, o artista permite-nos extrair o significado da matéria representada<sup>9</sup>. De forma complementar, Stephen Greenblatt atribui também elevada importância à relação intrínseca entre cultura e literatura, argumentando que, para compreender um texto, é indispensável compreender a cultura que o molda<sup>10</sup>, tal como a compreensão da cultura passa pelo entendimento das suas próprias produções literárias:

“A análise cultural tem muito a aprender com uma escrupulosa análise formal de textos literários, porque esses textos não são meramente culturais por referência ao mundo para além deles próprios; são culturais em virtude de valores e contextos sociais que eles próprios absorveram com sucesso [...]”<sup>11</sup>.

<sup>7</sup> WILLIAMS, Raymond – “The Analysis of Culture”, p. 48.

<sup>8</sup> ARISTÓTELES – *Poética*. Ed. Maria Helena da Rocha Pereira; Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018, pp. 42-43.

<sup>9</sup> WILLIAMS, Raymond – “The Creative Mind”. In WILLIAMS, Raymond – *The Long Revolution*. Peterborough: Broadview Press, 2001, p. 21.

<sup>10</sup> GREENBLATT, Stephen – “Culture.” In PAYNE, Michael (ed.) – *The Greenblatt Reader*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, pp. 12-13.

<sup>11</sup> GREENBLATT – “Culture”, pp. 12-13.

Consequentemente, a poesia, que constitui o *corpus* central deste ensaio, possibilita-nos, em certa medida, observar e comparar, através da sua função mimética, duas épocas historicamente distintas, identificando nelas pontos de convergência.

Assim, com base nas abordagens teóricas previamente delineadas, analisar-se-á a poesia lírico-elegíaca anglo-saxónica e a poesia vitoriana como instrumentos para caracterizar o contexto feminino em ambos os períodos. Este estudo procurará destacar questões partilhadas, reveladas pela interação entre literatura e cultura, permitindo uma melhor compreensão das dinâmicas sociais subjacentes.

A análise dos poemas *The Wife's Lament* (c. século X), incluído no *Exeter Book*<sup>12</sup>, e *A Voice from the Dungeon* (1837), de Anne Brontë, parte integrante da Saga de *Gondal* e, consequentemente, da *juvenilia* bronteana, permitirá ilustrar o *status quo* feminino, particularmente no que respeita a questões de clausura e ao afastamento da esfera pública. Argumentar-se-á, ainda, que, considerando a escassez de textos medievais cuja voz principal seja feminina, *The Wife's Lament*, a confirmar-se a sua autoria de cariz genuinamente feminino, pode representar um contributo inestimável para a compreensão da cultura da época e dos ecos culturais subsequentes.

Esta reflexão analisa as tradições literárias e culturais que definem a literatura anglo-saxónica e vitoriana. A interseção entre estes dois períodos históricos — um profundamente enraizado na Alta Idade Média e outro no auge do Império Britânico — constitui um terreno fértil para o estudo das dinâmicas culturais e literárias que atravessam épocas e revelam continuidades ao longo do tempo.

---

<sup>12</sup> Antologia de poesia do século X escrita em Inglês Antigo e o primeiro volume da Biblioteca da Catedral de Exeter. De acordo com a Biblioteca e os Arquivos da Catedral de Exeter e Universidade de Exeter, o *Exeter Book* contém cerca de 40 poemas – predominantemente de perspectiva cristã, embora alguns tenham origem no período anterior à conversão dos anglo-saxões ao cristianismo - e quase 100 adivinhas poéticas. Elegias como *The Wanderer*, *The Seafarer*, *Wulf and Eadwacer* e *The Wife's Lament* estão entre os mais conhecidos dos seus variados conteúdos. Este manuscrito integra o Registo da Memória do Mundo da UNESCO desde 2016. Disponível para consulta em linha: <https://theexeterbook.exeter.ac.uk/> [Consultado a 7 de Fevereiro de 2025].

## Mulheres na Alta Idade Média: o período Anglo-Saxónico

Em *The Power of Women through the Family in Medieval Europe, 500-1100*, McNamara e Wemple sublinham uma mudança estrutural nos papéis sociais das mulheres, que se intensificou a partir do ano 1000 e culminou numa perda progressiva do poder feminino<sup>13</sup>. Até então, as mulheres de ascendência nobre tinham, em muitos casos, a possibilidade de se tornarem herdeiras e proprietárias de terras; contudo, a partir do século XII, este cenário sofreu uma degradação significativa, resultando numa redução das oportunidades de agência económica e social para as mulheres.

As autoras destacam como, no século XII, a monarquia iniciou um processo gradual de recuperação do poder público, anteriormente detido pelas grandes famílias senhoriais. Ao resistirem à interferência real nos seus direitos e insistindo na indivisibilidade do património, estas famílias restringiram, de forma indireta, os direitos económicos das suas mulheres. Neste contexto, e à medida que os monarcas consolidavam uma máquina administrativa de governo, as senhoras nobres eram progressivamente afastadas da vida pública. Enquanto aos homens era concedida a oportunidade de manter influência, atuando como administradores das novas instituições criadas para regular os assuntos públicos, às mulheres da nobreza não era conferida a mesma possibilidade<sup>14</sup>.

Não é que se deva afirmar a total obliteração da mulher do espaço público medieval. A Idade Média testemunhou igualmente a presença de mulheres influentes em áreas como, por exemplo, a política<sup>15</sup>. Contudo, a perda gradual de direitos contribuiu para que, mesmo após o fim deste período, as mulheres continuassem a ser socialmente

---

<sup>13</sup> McNAMARA, Jo Ann; WEMPLE, Suzanne – "The Power of Women through the Family in Medieval Europe: 500-1100". *Feminist Studies* [em linha] 1 -3/4 (1973), pp. 126-141.

<sup>14</sup> McNAMARA, Jo Ann; WEMPLE, Suzanne – "The Power of Women through the Family", pp. 126-141.

<sup>15</sup> De acordo com Pernoud, tal é o caso de Leonor da Aquitânia, "uma das mulheres mais poderosas da Europa do século XII, conhecida pela sua sabedoria política e energia. A sua influência estendeu-se para além da sua vida, particularmente através das terras dos seus antepassados que permaneceram leais a Inglaterra após a perda da Normandia em 1204." PERNOUD, Régine - "Eleanor of Aquitaine". In *Encyclopedia Britannica*, 7 Nov. 2025. Disponível em linha: <https://www.britannica.com/biography/Eleanor-of-Aquitaine> [Consultado a 7 de Fevereiro de 2025].

identificadas como o “género marcado”<sup>16</sup>, controladas através de normas comportamentais rigorosas.

Note-se que, além das questões económicas, também os modelos religiosos desempenharam um papel crucial na limitação de direitos e na redução da esfera de intervenção feminina. O ideal da mulher medieval passiva parece originar da crença religiosa de que a Virgem Maria representava o único modelo feminino aceitável, perpetuando um padrão que subordinava as mulheres à virtude da submissão e ao distanciamento da esfera pública<sup>17</sup>.

No entanto, e dado o contexto observado pelo presente artigo, é indispensável que recuemos mais no tempo para examinar o período anglo-saxónico, que abrange um intervalo histórico, na Grã-Bretanha, desde o século V d.C. até à conquista normanda, em 1066<sup>18</sup>. Este período, frequentemente referido como os primórdios do período medieval ou Alta Idade Média, estabelece as bases para compreender a posterior posição social das mulheres na referida era.

No estudo *Woman as Hero in Old English Literature*, Jane Chance observa que o papel social tradicional das mulheres anglo-saxónicas era já moldado por um ideal de passividade, delineado por contornos que, salienta a autora, visavam transmitir noções de segurança e tranquilidade. Já neste tempo, o modelo comportamental remetia para a referência religiosa da figura da Virgem<sup>19</sup>. Porém, naturalmente, as perceções não eram lineares ou absolutas, mas sim, muitas vezes, ambíguas. Leysler discute as posições que as estruturas religiosas anglo-saxónicas tinham em relação às mulheres, revelando tensões entre a admiração espiritual e a desconfiança moral:

“A imagem da mulher persuasiva tem, convém recordar, tanto uma origem bíblica como uma origem nórdica. Quando os papas escreviam às rainhas anglo-saxónicas para lhes lembrar o seu dever de sussurrar aos ouvidos dos seus

<sup>16</sup> BENNETT, Judith M; KARRAS, Ruth Mazo (eds.) – *The Oxford Handbook of Women and Gender in Medieval Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 1.

<sup>17</sup> BENNETT, Judith M; KARRAS, Ruth Mazo – *The Oxford Handbook of Women*, p. 1.

<sup>18</sup> De acordo com os editores da *Encyclopaedia Britannica*. Britannica Editors. "Anglo-Saxon". *Encyclopaedia Britannica*, 9 Dec. 2025. Disponível para consulta em linha: <https://www.britannica.com/topic/Anglo-Saxon> [Consultado a 7 de Fevereiro de 2025].

<sup>19</sup> CHANCE, Jane – *Woman as Hero in Old English Literature*. Syracuse: Syracuse University Press, 1986, p. xiv.

maridos as atrações cristãs, estavam a transmitir a mensagem de São Paulo aos Coríntios, sobre os deveres da “esposa crente” para com o marido descrente. Por outro lado, o ensino cristão, especialmente o desenvolvido por Paulo, era cauteloso em permitir às mulheres qualquer lugar em público; as mulheres na igreja deviam “guardar silêncio e tomar o seu lugar como aprendizes com toda a submissão (I Timóteo, 2: 11)”<sup>20</sup>.

A recomendação do silêncio feminino parece derivar da crença de que, não só as mulheres, mas também as suas palavras, eram inerentemente perigosas. Este entendimento encontra justificação na narrativa bíblica, numa das eternas maldições de Eva, segundo a qual foi através das suas palavras que “o pecado entrou no mundo”<sup>21</sup>. Chance sublinha que, enquanto a alma racional – o espírito – é equiparada a Adão, já a alma concupiscente, o corpo – o pecado – é identificada com Eva<sup>22</sup>.

Ao longo deste período, também os atributos e qualidades femininos eram considerados inferiores às capacidades masculinas<sup>23</sup> e as relações geralmente caracterizadas pela dicotomia homem-dominante e mulher-submissa. Contudo, não é possível inferir a existência de uma total desvalorização do feminino, uma vez que a mulher era prezada em diversos contextos. Exemplos disso incluem o dote que trazia para o casamento, o papel central na gestão doméstica e a capacidade de gerar descendência, elementos que garantiam a continuidade familiar e patrimonial.

O corpo feminino, embora fonte de ansiedade masculina, era valorizado, especialmente no que respeita ao trabalho. Note-se que as mulheres desempenhavam papéis significativos, a par dos homens, na produção de alimentos, bens e serviços<sup>24</sup>. Antes do ano 1000, a produção têxtil era predominantemente realizada por mulheres, o que sublinha a sua relevância económica<sup>25</sup>. Paralelamente, o trabalho escravo e a prostituição refletem ainda a instrumentalização do corpo feminino numa outra vertente de dinâmicas sociais e económicas<sup>26</sup>.

<sup>20</sup> LEYSER, Henrietta – *Medieval Women*. Londres: Orion Books, 1995, p. 61.

<sup>21</sup> LEYSER, Henrietta – *Medieval Women*, p. 61.

<sup>22</sup> CHANCE, Jane – *Woman as Hero in Old English Literature*, p. 57.

<sup>23</sup> BENNETT, Judith M; KARRAS, Ruth Mazo – *The Oxford Handbook of Women*, p. 5.

<sup>24</sup> BENNETT, Judith M; KARRAS, Ruth Mazo – *The Oxford Handbook of Women*, p. 10.

<sup>25</sup> BENNETT, Judith M; KARRAS, Ruth Mazo – *The Oxford Handbook of Women*, p. 10.

<sup>26</sup> BENNETT, Judith M; KARRAS, Ruth Mazo – *The Oxford Handbook of Women*, p. 10.

Assim, é possível identificar a profunda desigualdade de género como uma realidade concreta e amplamente disseminada por diversos contextos. A poesia imita<sup>27</sup> e reflete a experiência, ou mesmo, o sentimento coevo imortalizado pelo poeta.

Horner contribui para esta observação, ao afirmar que, de todas as elegias do inglês antigo, apenas *The Wife's Lament* e *Wulf and Eadwacer* (c. século X) — poemas de voz hipoteticamente feminina — apresentam o tipo de clausura/restricção física que predominava nas atitudes sociais e culturais da época em relação à mulher e ao corpo feminino<sup>28</sup>.

Em contraste, os poemas lírico-elegíacos anglo-saxónicos *The Wanderer* (c. século X) e *The Seafarer* (c. século X) — escritos na voz masculina — evocam imagens de viagem e movimento no espaço natural. Se, por um lado, nos poemas escritos na voz masculina encontramos a figura do homem que segue a sua jornada, guiado pelos elementos e que, embora talvez exilado, usufrui de liberdade, por outro, nos poemas lírico-elegíacos femininos, a mulher surge enclausurada, confinada a um espaço limitado e sujeita a crenças religiosas e sociais restritivas. A viagem feminina é, portanto, restrita à mente e expressa numa voz poética, como exemplificado no seguinte excerto<sup>29</sup>:

“Vou sozinha por estas grutas de terra debaixo do carvalho.  
Aqui tenho de me sentar durante o dia de verão,  
aqui choro as dores do exílio,  
as dificuldades que se abateram sobre mim.  
O meu coração nunca se afundará de repente em águas paradas  
[...].”<sup>30</sup>

<sup>27</sup> ARISTÓTELES – *Poética*, pp. 42-43.

<sup>28</sup> HORNER, Shari – “En/Closed Subjects: The Wife's Lament and the Culture of Early Medieval Female Monasticism”. In LIUZZA, R. M. (ed.) – *Old English Literature: Critical Essays*. New Haven: Yale University Press, 2002, p. 381.

<sup>29</sup> Na versão em língua inglesa traduzida do Inglês Antigo por Michael Alexander: “[...] I go by myself/about these earth caves under the oak tree. /Here I must sit the summer day through, /here weep out the woes of exile, /the hardships heaped upon me. My heart shall never/suddenly sail into slack water, [...]”. *The Earliest English Poems*. Ed. Michael Alexander. Harmondsworth: Penguin Books, 1986, p. 82.

<sup>30</sup> *The Earliest English Poems*, p. 82.

## Poesia lírico-elegíaca anglo-saxónica

Em toda a Europa, a alfabetização foi, em certa medida, impulsionada pela conversão ao cristianismo, que, na Inglaterra anglo-saxónica, se desenrolou a partir do século VII. Hanna sublinha que a centralização do texto sagrado, com o propósito de disseminar a narrativa religiosa, estimulou a produção de livros e a promoção da literacia, permitindo o acesso ao conhecimento escrito a alguns membros da sociedade nobre medieval<sup>31</sup>. Já Kelly argumenta que, embora a informação extraída da prática escrita seja sugestiva, dificilmente oferece uma base sólida para uma análise abrangente da qualidade e extensão da literacia anglo-saxónica<sup>32</sup>. Segundo a autora, contrariamente ao que afirma Hanna, as conclusões sobre a evolução da literacia na época tendem a reforçar a visão tradicional de que esta era, sobretudo, um instrumento<sup>33</sup> eclesiástico.

Este debate pode ser ampliado ao considerar-se o modo como os anglo-saxões utilizaram a palavra escrita em termos de preservação da informação. A perspetiva indicia que a documentação escrita já desempenhava um papel relevante durante o período anglo-saxónico<sup>34</sup> e há ainda que considerar a vertente recreativa da literacia. No período anglo-saxónico, salienta Leyser, a literatura era frequentemente produzida em verso, com o propósito de ser lida em voz alta para uma audiência<sup>35</sup>. Zumthor nota ainda, entre os séculos VI e XVI, a prevalência de uma oralidade mista<sup>36</sup>, conforme as épocas, as regiões, as classes sociais e os indivíduos.

No que concerne à literatura coeva, produto desta oralidade mista, o seu estudo é essencial. Embora Michael Alexander afirme que a literatura anglo-saxónica nunca será considerada uma das grandes literaturas do mundo<sup>37</sup> para quem com ela não

<sup>31</sup> HANNA, Ralph – "Literacy, Schooling, Universities". In GALLOWAY, Andrew (ed.) – *The Cambridge Companion to Medieval Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 172.

<sup>32</sup> KELLY, Susan – "Anglo-Saxon Lay Society and the Written Word." In LIUZZA, R. M. (ed.) – *Old English Literature: Critical Essays*. New Haven: Yale University Press, 2002, p. 23.

<sup>33</sup> KELLY, Susan – "Anglo-Saxon Lay Society", p. 24.

<sup>34</sup> KELLY, Susan – "Anglo-Saxon Lay Society", p. 23

<sup>35</sup> LEYSER, Henrietta – *Medieval Women*, p. 53.

<sup>36</sup> ZUMTHOR, Paul – *A Letra e a Voz*. São Paulo: A Companhia das Letras, 2001, p. 18. Segundo o autor, a oralidade mista é caracterizada pela existência de uma cultura "escrita", i.e., que realiza um registo escrito, a par de uma tradição de oralidade marcada, precisamente, pela transmissão oral.

<sup>37</sup> *The Earliest English Poems*, p. 7.

está familiarizado, a mesma é detentora de uma relevância histórica única, não só dadas as narrativas que apresenta, mas também pela sua importância na compreensão da identidade cultural do período.

Já acerca do tema do exílio, Alexander argumenta, em *The Earliest English Poems*, que, no contexto da poesia anglo-saxônica, este revela-se o mais íntimo e pessoal, caracterizado pela sua dimensão introspectiva e pelo foco no indivíduo. Greenblatt corrobora, descrevendo o universo da poesia em Inglês Antigo como “frequentemente elegíaco”<sup>38</sup>.

Nessas composições, o termo *wraecca* surge repetidamente para designar o errante ou peregrino, aquele destinado a percorrer o mundo enquanto cumpre o seu *wierd* — uma ideia central na cultura anglo-saxônica, que remete para um futuro predestinado. A poesia lírico-elegíaca também explora os laços forjados dentro de comunidades pequenas e coesas que, por razões específicas, acabam por se romper. Quando tal ocorre, o resultado inevitável é o isolamento: um indivíduo só no mundo, privado do conforto do salão do senhor, da proteção do *comitatus* e dos laços afetivos e sociais que o sustentavam. Nos textos da época, os homens são representados como joviais quando se encontram no salão do seu senhor – mas não fora dele -, contemplando as possibilidades da guerra, da glória ou da derrota iminente. O amor romântico, tema predominante na literatura medieval posterior, é quase inexistente<sup>39</sup>.

O poema elegíaco anglo-saxônico *The Wife's Lament* reflete, embora num contexto feminino distinto dos masculinos presentes em *The Wanderer* ou *The Seafarer*, uma experiência semelhante de rutura emocional e social. Neste poema, assim como em *Wulf and Eadwacer*, destaca-se uma perspectiva feminina do sofrimento e do isolamento, o que dá a essas composições uma tonalidade única dentro do *corpus* da poesia lírico-elegíaca. Horner sublinha que, embora não seja possível afirmar com absoluta certeza que *The Wife's Lament* tenha sido escrito por uma mulher, algumas

<sup>38</sup> GREENBLATT, Stephen, et al. (eds.) – *The Norton Anthology of English Literature*. Vol. I. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 2006, p. 6.

<sup>39</sup> GREENBLATT, Stephen, et al. – *The Norton Anthology of English*, p. 6.

escolhas gramaticais apontam para um estilo de escrita que pode ser interpretado como caracteristicamente feminino:

“[...] a maioria dos críticos concorda que o locutor é uma mulher. Foi exilada em resultado de uma conspiração secreta dos parentes do seu senhor e vive agora confinada a uma “caverna de terra” debaixo de um carvalho, dentro de um bosque, rodeada de ramos espinhosos – contida, por outras palavras, por pelo menos três camadas de barreiras. Lamenta amargamente a sua condição e conclui com uma descrição sombria acerca do destino de quem espera ou depende de um ente querido. O poema permanece ambíguo; muitos pormenores específicos sobre a vida da locutora nunca serão revelados, tais como quem era, porque foi exilada, e assim por diante”<sup>40</sup>.

Uma interpretação deste poema sugere que o distanciamento entre a mulher e o companheiro pode ter resultado de razões pouco claras, possivelmente relacionadas com a hostilidade dos familiares dele em relação à esposa. Michael Alexander propõe a hipótese de que, pelo menos na perceção da mulher, o sofrimento do exílio e da separação não é exclusivo dela, mas partilhado também pelo marido, conferindo ao poema uma dimensão de dor mútua<sup>41</sup>.

Independentemente do género do autor, em *The Wife's Lament* reconhecemos, sobretudo, a representação da vulnerabilidade humana através da figura da protagonista. Esta vulnerabilidade evidencia-se, particularmente, na passividade diante de circunstâncias além do seu controlo, enquanto partilha com o leitor, de forma íntima e pungente, angústias e reflexões.

Apesar das diversas cogitações que procuram explicar o motivo pelo qual a locutora se encontra enclausurada, seja como prisioneira ou como monja, parece existir um consenso subjacente: o objeto central de amor e felicidade no passado – o homem – está ausente, tornando-se, direta ou indiretamente, no principal agente do seu isolamento.

---

<sup>40</sup> HORNER, Shari – “En/Closed Subjects: The Wife's”, p. 382.

<sup>41</sup> *The Earliest English Poems*, p.79.

## A Mulher na Sociedade Vitoriana

A noção de clausura ressoa igualmente no contextualizar da condição feminina na sociedade vitoriana, marcada por contrastes. Apesar de notável em áreas como o empreendedorismo e a criatividade, a época vitoriana foi também profundamente conservadora e moralista. Tal conservadorismo traduziu-se numa estrutura social complacente em relação aos homens, oferecendo-lhes amplas oportunidades, ao mesmo tempo que restringia as mulheres, negando-lhes até, eventualmente, a possibilidade de auto-suficiência.

O controlo exercido sobre a vida das mulheres vitorianas era, em grande medida, ditado pelos homens. Embora essa falta de autonomia fosse transversal a todas as classes sociais, era especialmente evidente na classe média. A vida da mulher era regida, primeiro pelo pai, depois pelos irmãos, em seguida pelo marido e, se necessário, pelos filhos. O casamento simbolizava, para muitas mulheres, a perda de direitos fundamentais no sentido em que deixavam de possuir propriedades em seu nome e viam os seus direitos legais limitados.

Quanto aos códigos de comportamento da classe média vitoriana, estes encontravam-se profundamente enraizados na ideologia das *separate spheres*, que enfatizava a importância de proteger a respeitabilidade da mulher. Ao longo do século XIX, essa ideologia difundiu-se, defendendo esferas separadas para homens e mulheres, com papéis distintos e complementares. Como argumenta Twells, tanto os modelos iluminista como o evangélico, de masculinidade e feminilidade, embora divergentes, convergiam na noção de uma diferença essencial entre os sexos e na ideia de esferas de ação separadas como o modelo ideal de relacionamento entre eles<sup>42</sup>.

Embora a separação das esferas não fosse um conceito novo, a influência crescente do cristianismo evangélico consolidou o designado culto da domesticidade, redefinindo o papel das mulheres. Eram encorajadas a cultivar virtudes através da filantropia e do altruísmo, dedicando-se exclusivamente ao bem fazer, ao lar e à família. A esfera pública,

---

<sup>42</sup> TWELLS, Alison – "Making Women: enlightenment, evangelical and medical perspectives". In *British Women's History: A Documentary History from the Enlightenment to World War I*. Londres: J.B. Tauris, 2007, p. 11.

por outro lado, permanecia sob domínio masculino, reforçando a exclusão das mulheres de espaços de poder e decisão.

Tal como no período anglo-saxónico, na era vitoriana, o corpo e a sexualidade femininos continuaram a ser fontes de controvérsia<sup>43</sup>. Algumas correntes do pensamento científico vitoriano retratavam a mulher como um ser desprovido de desejo sexual, reforçando a noção de que deveria assumir um papel passivo nas relações íntimas. A sexualidade feminina era assumida, não como fonte de prazer, mas como uma obrigação conjugal, destinada a gerar descendência e a garantir o bem-estar físico e mental do marido<sup>44</sup>.

Comportamentos considerados desviantes, como o expressar de manifesto descontentamento com a sua situação ou a rejeição do cônjuge, eram classificados como patológicos. Na obra *The Functions and Disorders of the Reproductive Organs. Childhood, Youth, Adult Age, and Advanced Life Considered In Their Physiological, Social, And Moral Relations*, William Acton, médico, aborda extensivamente as relações entre os sexos, reforçando a dicotomia entre esposa e amante, mulher passiva e insubmissa, incorruptível e corrupta. Segundo Acton, a mulher ideal deveria predispor-se a aceitar as relações sexuais como um dever, em benefício do cônjuge, da família e da sociedade em geral:

“As melhores mães, esposas e senhoras de família pouco ou nada sabem sobre indulgências sexuais. O amor ao lar, aos filhos e aos deveres domésticos são as únicas paixões que sentem. Como regra geral, uma mulher modesta raramente deseja qualquer gratificação sexual para si mesma. Submete-se ao marido, mas apenas para o agradar; e, se não fosse o desejo de maternidade, preferiria muito mais estar livre das suas atenções. Nenhum jovem nervoso ou débil deve, portanto, ser dissuadido do casamento por qualquer noção exagerada dos deveres que lhe são exigidos. A mulher casada não deseja ser tratada como uma amante”<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> William Acton refere ainda questões relacionadas com a saúde ou os interesses da mulher, afirmando, por exemplo, que “as mulheres literárias não são muito procuradas como esposas. [...], as grandes conquistas raramente sobrevivem ao primeiro ano de vida conjugal, pelo que os homens comuns são demasiado sensatos para as preferir a uma conduta agradável, um temperamento doce e uma disposição alegre.” Ver ACTON, William – *The Functions and Disorders of the Reproductive Organs. Childhood, Youth, Adult Age, and Advanced Life Considered in Their Physiological, Social, And Moral Relations*. Londres: John Churchill, New Burlington Street, 1862, p. 79.

<sup>44</sup> ACTON, William – *The Functions and Disorders*, p. 101.

<sup>45</sup> ACTON, William – *The Functions and Disorders*, p. 102.

As semelhanças entre os contextos femininos anglo-saxónico e vitoriano são evidentes, embora no período vitoriano as dinâmicas de desigualdade se manifestem de forma mais subtil e, por vezes, implícita. John Stuart Mill descreve com clareza, em *The Subjection of Women* (1869), a extrema desigualdade de género no casamento vitoriano:

“É caso único, agora que a escravatura negra foi abolida, em que um ser humano, na plenitude de todas as suas faculdades, é entregue à terna misericórdia de outro, na esperança de que este outro use o poder apenas para o bem da pessoa a ele sujeita. O casamento é a única autêntica servidão reconhecida pela nossa lei. Já não existem escravos legais, exceto a senhora de cada casa”<sup>46</sup>.

Neste contexto, Mill apresenta o casamento como um sistema institucionalizado de opressão feminina, perpetuando a subjugação da mulher ao homem no espaço doméstico. Tal como no período anglo-saxónico, a autonomia feminina era restringida e controlada. No entanto, no século XIX, essa dinâmica assumia uma forma socialmente aceite, legitimada pela lei e sustentada por novas ideologias patriarcais, como é o caso da evolução das ciências médicas que procuravam explicar o funcionamento do corpo feminino.

### **O Medievalismo Vitoriano e a *juvenilia* de Anne Brontë – *A Voice from the Dungeon* (1837)**

No século XIX, assiste-se a um fenómeno de recriação e reinterpretação da era medieval. Claire Simmons descreve-o como um desejo de restaurar valores e modos de vida, autênticos ou imaginados, característicos da era medieval<sup>47</sup>. Por sua vez, Clare Broome Saunders nota que o medievalismo oitocentista não concebia a Idade Média como um passado distante a ser avaliado de uma forma objetiva e distanciada, mas antes procurava integrar elementos medievais no presente<sup>48</sup>. Embora Simmons sustente que o medievalismo inglês é, sobretudo, um fenómeno dos séculos XIX e

<sup>46</sup> MILL, John Stuart – *The Subjection of Women*. Londres: Lippincott Co., 1869, p. 147.

<sup>47</sup> SIMMONS, Clare – “Re-Creating the Middle Ages.” In GALLOWAY, Andrew (ed.) – *The Cambridge Companion to Medieval English Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 279.

<sup>48</sup> SAUNDERS, Clare Broome – *Women Writers and Nineteenth Century Medievalism*. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2009, p. 1.

XX; importa reconhecer que o interesse pelo passado medieval existia já no século XVIII<sup>49</sup>, com os primeiros indícios de uma sensibilidade romântica e a redescoberta da balada medieval.

Durante o revivalismo vitoriano, o medievalismo manifestou-se amplamente na literatura, na arte e na arquitetura, contrapondo-se à crença no progresso contínuo, desenfreado e à ideia de necessidade de uma sociedade em constante sofisticação.

Este movimento literário e cultural alimentou-se de orgulho no passado britânico, que inspirou escritores, artistas e colecionadores. A literatura vitoriana, em particular, revelou um fascínio pela nostalgia associada à Idade Média, enquanto a recolha de baladas e canções populares reavivava o interesse pela tradição oral. Note-se ainda que, embora muitas dessas tradições atribuídas à era medieval possam ter emergido em períodos posteriores, tornaram-se parte do imaginário medievalista que influenciou tanto a escrita como a produção cultural da época.

Walter Scott e Andrew Lang destacaram-se como dois dos principais responsáveis pela recolha, preservação e divulgação do folclore, das canções e dos contos da tradição oral<sup>50</sup>, além de desempenharem um papel fundamental na aproximação do público à medievalidade<sup>51</sup>.

Em 1819, Scott publicou *Ivanhoe*<sup>52</sup>, uma obra que, pelos códigos de cavalaria e noções de honra<sup>53</sup> nela contidos, foi considerada apropriada para o público juvenil, refletindo as distinções entre saxões e normandos e sugerindo que ambos os grupos possuíam culturas, costumes próprios e distintos. Sublinha-se ainda o ensaio sobre cavalaria escrito e atualizado por Sir Walter Scott, entre 1815 e 1824, para a

<sup>49</sup> Horace Walpole publicou o primeiro romance gótico *The Castle of Otranto* (1764), no século XVIII. Esta obra, de certo modo experimental, inaugura o romance gótico.

<sup>50</sup> Paul Zumthor distingue tradição oral de transmissão oral, afirmando que, enquanto a primeira se situa na duração, a segunda refere-se ao presente, i.e., ao momento da *performance*. Ver ZUMTHOR, Paul – *A Letra e a Voz*, p. 17.

<sup>51</sup> A escrita de Walter Scott teve um impacto mais direto no início do século XIX. Lang foi grande divulgador do folclore; porém, Scott foi mais influente no contexto do medievalismo vitoriano.

<sup>52</sup> Mark Twain criticava Sir Walter Scott, afirmando que as atitudes medievais que levaram à Guerra Civil Americana poderiam ter sido evitadas se a sociedade sulista não tivesse sofrido da “doença de Sir Walter”. SIMMONS, Claire – “Re-Creating the Middle Ages”, p. 283.

<sup>53</sup> De acordo com a *Enciclopédia Britânica*, Scott aceitou o pedido do editor da publicação, Archibald Constable, para escrever os artigos “Chivalry”, “Romance” e “Drama”.

*Enciclopédia Britânica*, que se tornou uma referência importante para o estudo dos códigos de conduta medievais.

Outras das vozes vitorianas de grande relevo para o revivalismo medieval é Alfred, Lord Tennyson. Inspirado em *Le Morte d'Arthur* (1485), de Thomas Malory, Tennyson escreveu o poema *The Lady of Shalott* (1832), no qual reformula a temática arturiana, ao narrar a história de uma dama amaldiçoada que, confinada a uma torre, é condenada a ver Camelot e o mundo apenas através de um reflexo. A tentativa de insurreição contra as suas circunstâncias acaba por ser a sua ruína.

A representação da figura feminina ocupa, igualmente, um lugar central na pintura do movimento Pré-Rafaelita. Inspirados por temas bíblicos, narrativas medievais e pela tradição renascentista, os artistas pré-rafaelitas retratavam figuras femininas enigmáticas, silenciosas e, invariavelmente, passivas<sup>54</sup>. Nessas composições, a figura feminina parece igualmente imbuída de dicotomias persistentes – sexualidade e santidade – que, embora apresentadas como forças opostas, surgem simultaneamente como aspetos complementares no enquadramento da feminilidade vitoriana<sup>55</sup>.

O confinamento e a clausura encontram uma metáfora particularmente expressiva nas representações femininas da pintura pré-rafaelita. As imagens de mulheres contemplativas, confinadas a espaços simbolicamente delimitados, configuram aquilo que Jan Marsh chama de “imagens emolduradas”<sup>56</sup> – representações idealizadas de acordo com os códigos vitorianos de feminilidade. Expostas nas paredes de lares burgueses e em galerias de arte<sup>57</sup>, estas figuras não apenas encarnavam um ideal de domesticidade, como também contribuía para a normalização do papel destinado à mulher no imaginário de Oitocentos. A moldura, enquanto limite físico e simbólico, reforça essa clausura, mantendo a representação

<sup>54</sup> MARSH, Jan – *The Pre-Raphaelite Sisterhood*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1985, p. 1.

<sup>55</sup> Jan Marsh sublinha, a propósito de dicotomias, que “a mulher sensual, a mulher casta, a mulher devota, a mulher feiticeira – estas representações não apenas refletiram, mas também influenciaram ativamente as conceções da época sobre as relações entre os sexos e os ideais de masculinidade e feminilidade”. MARSH, Jan – *Pre-Raphaelite Woman. Images of femininity in Pre-Raphaelite Art*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1987, p. 9.

<sup>56</sup> MARSH, Jan – *Pre-Raphaelite Woman. Images*, p. 10

<sup>57</sup> MARSH, Jan – *Pre-Raphaelite Woman. Images*, p. 10.

pictórica feminina numa esfera de contenção visual e ideológica, construída para o olhar masculino.

O enlevo pelo medieval não escapa aos irmãos Brontë, em particular, nas sagas juvenis – *Glass Town, Angria e Gondal* – por eles elaboradas desde a infância. Essas narrativas intrincadas funcionavam como exercícios contínuos de experimentação, nos quais os próprios autores se convertiam nas personagens, e a imaginação, característica tão vívida da juventude, quase não conhecia limites.

Embora tenham vivido de uma forma relativamente isolada, no seio de uma família discreta, a educação dos Brontë foi excepcionalmente rica e diversificada. A biblioteca do Reverendo Patrick Brontë estava repleta de obras como *A Ilíada*, de Homero, *The History of England* (1794), de Oliver Goldsmith, *The Ornithological Biography* (1831), de John Audubon, *The History of British Birds* (1804), de Thomas Bewick, e *The Lay of the Last Minstrel* (1805), de Sir Walter Scott. Entre essas, existia ainda *The Poems of Ossian* (1773), de James MacPherson, uma obra revivalista controversa que, pelas suas marcas de uso intensivo, parece ter sido uma das preferidas dos jovens Brontë.

As obras à disposição dos Brontë – Branwell, Charlotte, Emily e Anne –, juntamente com outras provenientes de bibliotecas locais, terão constituído a base da sua formação literária, moldando ideias e a futura produção escrita. As bibliotecas de casas senhoriais, como Ponden Hall ou a Bradford Library and Literary Society, poderiam ter igualmente proporcionado o acesso a um vasto número de obras. Sendo os Brontë leitores ávidos, importa assim, não descurar a possibilidade de contacto com textos medievais e a influência dos mesmos. Juliet Barker sublinha:

“Os livros à disposição dos jovens Brontë constituiriam o núcleo das suas leituras e moldariam as suas ideias para o futuro. Para além disso, teriam acesso a livros fora da paróquia, como o demonstra a sua surpreendente variedade de leituras. [...] É frequentemente sugerido que os jovens Brontë passavam horas a folhear estas bibliotecas e que era aí que se familiarizavam com os periódicos,

as biografias, os livros de viagens e as obras de ficção que tiveram um impacto tão grande no seu desenvolvimento intelectual”<sup>58</sup>.

A *juvenilia* Bronteana dividia-se em duas sagas: *Glass Town* e *Angria*, criadas por Branwell e Charlotte e inspiradas em paisagens africanas, artigos publicados na *Blackwood's Magazine* e nos feitos militares do Duque de Wellington; e a saga de *Gondal*, escrita por Emily e Anne. Estas narrativas complexas envolviam a criação de mapas detalhados de nações inteiras, o uso de estratégias militares, intrigas e romance, formulados de forma aparentemente espontânea. A criatividade dos irmãos remete involuntariamente para a conclusão de que, tal como o poeta, a criança é o seu próprio instrumento<sup>59</sup>.

Na análise à saga de *Gondal*, torna-se evidente a forma como inclui traços das tradições britânicas antigas, inspirando-se na natureza, nas paisagens, nos acontecimentos históricos e nos elementos meteorológicos, tanto da Escócia como do norte de Inglaterra. No entanto, enquanto a escrita de Emily Brontë se centra no mundo natural e na essência da existência humana, Anne opta por uma narrativa alinhada com a sua própria realidade e a condição social de uma jovem mulher vitoriana. Como aponta Langland, é necessário ver Anne Brontë como ela é para “compreender as suas motivações e preocupações relativamente ao quadro de valores morais que se esperava das mulheres no seu tempo, em particular, a arbitrariedade depreciativa a que estavam sujeitas”<sup>60</sup>.

Paralelamente, é ainda notória a forma como Anne Brontë descreve a agitação emocional das suas personagens femininas ao evocar, de forma silenciosa e metafórica, a figura de Joana d’Arc<sup>61</sup>, como símbolo de resistência e coragem, um tema partilhado por outras escritoras da época.

<sup>58</sup> BARKER, Juliet – *The Brontës*. Londres: Abacus, 2010, p. 171.

<sup>59</sup> COBB, Edith – “The Ecology of Imagination in Childhood”. *Daedalus* [em linha] 88: 3 (1959), pp. 537-548.

<sup>60</sup> LANGLAND, Elizabeth – *Anne Brontë. The Other One*. Londres: Macmillan Education, 1989, p. 1.

<sup>61</sup> Clare Broome Saunders elabora sobre este tema afirmando que é como ícone paradoxal que Joana D’Arc serviu de forma mais clara no século XXI, facultando às escritoras um objeto de estudo através do qual lhes era permitido explorar os papéis contemporâneos da mulher, tanto na esfera pública, como na esfera privada. SAUNDERS, Clare Broome – “The End of Chivalry?”, pp. 79-102.

Como nota Saunders<sup>62</sup>, essa evocação abre espaço para a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, permitindo que, através da escrita, se expressem as tensões entre submissão e agência feminina no contexto vitoriano. A poesia de Anne Brontë, em particular *Gondal*, explora essa inquietação através da representação do cativo das suas personagens femininas. Neste contexto, Edward Chitham observa que, ao ler *Gondal*, o leitor encontra a dificuldade em distinguir o sentimento pessoal de Anne do sentimento dramático das suas personagens<sup>63</sup>. Langland reforça esta leitura, sublinhando que mesmo os poemas mais estritamente gondalianos introduzem ou desenvolvem temas que, mais tarde, virão a marcar os seus poemas de cariz autobiográfico<sup>64</sup>.

*Gondal* parece ter sido sinónimo de libertação dos limites impostos às jovens vitorianas. Christine Alexander afirma, na introdução à obra *Tales of Glass Town, Angria, and Gondal: selected writings* (2010), que, tal como Emily, também Anne passou a olhar a sua própria condição como uma espécie de prisão, com poucas alternativas de fuga<sup>65</sup>.

Embora não seja possível afirmar com certeza que Anne Brontë tenha lido poesia anglo-saxónica [antiga], dado que a primeira edição do *Exeter Book, Codex Exoniensis: A Collection of Anglo-Saxon Poetry, from a Manuscript in the Library of the Dean and Chapter of Exeter*, só foi traduzida e publicada por Benjamin Thorpe em 1842, é inegável que *A Voice from the Dungeon* (1837) apresenta uma fusão de épocas e elementos elegíacos que ressoam com a tradição da poesia feminina anglo-saxónica. Em particular, o poema estabelece paralelos temáticos com *The Wife's Lament*, sugerindo que Brontë, consciente ou inconscientemente, incorporou motivos de clausura e exílio que ecoam os sentimentos expressos na poesia lírico-elegíaca medieval.

Alan Riach afirma que todos os poetas – ou praticamente todos – se apoiam no legado dos seus predecessores, não para os imitar, mas para aprender com eles<sup>66</sup>. Assim, na

<sup>62</sup> SAUNDERS, Clare Broome – “The End of Chivalry?”, p. 81.

<sup>63</sup> CHITHAM, Edward – *The Life of Anne Brontë*. Londres: Blackwell Publishers, 1993, p. 409.

<sup>64</sup> LANGLAND, Elizabeth – *Anne Brontë. The Other*, p. 61.

<sup>65</sup> ALEXANDER, Christine – *The Brontës: Tales of Glass Town, Angria and Gondal – Selected Writings*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. xiii.

<sup>66</sup> RIACH, Alan – *Scottish Literature: An Introduction*. Edimburgo: Luath Press, 2022, p. 84.

subtil fronteira entre estes dois poemas, emerge uma impressão persistente de *déjà vu*, como se o tempo não tivesse passado:<sup>67</sup>

“Estou agora sepultada, cansada da vida,  
Sem mais vingança ou ódio.  
Terminei com a alegria, a esperança e o amor,  
E com todo o mundo agitado lá em cima.  
Há muito que vivo esquecida,  
Imersa em tristeza e desespero;  
Este lugar de solidão e dor  
Será o meu calabouço e o meu túmulo.”<sup>68</sup>

Na masmorra, a voz de Marina Sabia, personagem de Anne Brontë, ressoa como um lamento de uma mulher cativa, dirigindo-se ao leitor numa tonalidade estranhamente familiar ao eco da poesia feminina anglo-saxónica.

O conceito de clausura é uma constante na poesia de *Gondal* de Anne Brontë. Os seus poemas evocam um espaço de separação entre entes queridos, um lamento que sublinha a ideia de que as correntes que aprisionam nem sempre são visíveis, mas são, muitas vezes, tão intransponíveis quanto as barreiras físicas.

### Observações finais

A desigualdade de contextos e de direitos entre os sexos, tanto na Alta Idade Média como na era vitoriana, marcou profundamente a experiência feminina. Embora presente em ambas as épocas, a divisão entre a esfera pública e a esfera privada era mais permeável na Idade Média, onde, consoante o seu estatuto social, a mulher podia circular com maior ou menor liberdade no espaço público. Já na era vitoriana, o culto da domesticidade impôs uma separação mais rígida, reforçando a ideia de que a sua influência deveria restringir-se ao espaço privado.

---

<sup>67</sup> Na versão original: “I’m buried now I’ve done with life/ I’ve done with hate revenge and strife/I’ve done with joy and hope and love/And all the bustling world above/Long have I dwelt forgotten here/In pining woe and dull despair;/ This place of solitude and gloom/ Must be my dungeon and my tomb; [...]” ALEXANDER, Christine – *The Brontës: Tales of Glass Town*, p. 453.

<sup>68</sup> ALEXANDER, Christine – *The Brontës: Tales of Glass Town*, p. 453.

Enquanto na sociedade vitoriana as mulheres eram frequentemente vistas como frágeis e intelectualmente limitadas, na sociedade medieval as percepções sobre o feminino eram mais complexas e variáveis. A mulher era representada ora como uma figura perigosa e tentadora, associada a Eva, ora como um modelo de pureza e submissão, simbolizado pela Virgem Maria. No entanto, importa reconhecer que a Idade Média também testemunhou a presença de mulheres influentes, como Leonor de Aquitânia, o que demonstra que os papéis femininos eram mais diversos do que uma simples dicotomia entre perigo e inocência. Questões como a indivisibilidade do património, aliadas ao receio masculino da autonomia feminina, parecem ter sido algumas das razões que justificaram a limitação da mobilidade e da influência das mulheres ao longo dos séculos.

Ao excluir as mulheres da esfera pública e ao confiná-las figurativamente ao espaço privado, restringia-se também o seu poder [e a sua] posse, voz e influência. Para compreender essas dinâmicas, a literatura – especialmente na sua vertente poética – revelou-se uma ferramenta essencial. Através do seu carácter mimético, não apenas refletiu os contextos sociais e culturais das épocas em estudo, mas, em certos casos, desafiou-os, questionando as normas estabelecidas e oferecendo novas perspetivas sobre o papel das mulheres na sociedade.

A poesia anglo-saxónica e a *juvenilia* de Anne Brontë evidenciam como a literatura pode resgatar experiências femininas de confinamento e resistência, estabelecendo um diálogo entre diferentes períodos históricos. *The Wife's Lament* e a poesia de *Gondal* partilham temáticas centrais, como o isolamento, a clausura e a exclusão da esfera pública. No poema anglo-saxónico, a voz feminina exprime a dor do exílio e da separação, refletindo as barreiras impostas à mobilidade e autonomia das mulheres na Alta Idade Média. De forma semelhante, *A Voice from the Dungeon* (1837), de Anne Brontë, evoca a sensação de aprisionamento físico e psicológico das suas personagens femininas, servindo como alegoria da condição das mulheres na era vitoriana. Ambas as obras revelam uma consciência crítica da opressão feminina e demonstram como a literatura pode transcender o seu tempo, resgatando vozes silenciadas para interrogar e desafiar as normas vigentes.

## Referências Bibliográfica

### Fontes impressas

ARISTÓTELES – *Poética*. Ed. Maria Helena da Rocha Pereira, Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

*The Earliest English Poems*. Ed. Michael Alexander. Harmondsworth: Penguin Books, 1986.

### Estudos

ACTON, William – *The Functions and Disorders of the Reproductive Organs. Childhood, Youth, Adult Age, and Advanced Life Considered In Their Physiological, Social, And Moral Relations*. Londres: John Churchill, New Burlington Street, 1862.

ALEXANDER, Christine – *The Brontës: Tales of Glass Town, Angria and Gondal – Selected Writings*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

AVELAR, Mário – *Ekphrasis. O poeta no atelier do artista*. Lisboa: Edições Cosmos, 2006.

BARKER, Juliet – *The Brontës*. London: Abacus, 2010.

BENNETT, Judith M.; KARRAS, Ruth Mazo (eds.) – *The Oxford Handbook of Women and Gender in Medieval Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

CHANCE, Jane – *Woman as Hero in Old English Literature*. Nova Iorque: Syracuse University Press, 1986.

CHITHAM, Edward – *The Life of Anne Brontë*. Londres: Blackwell Publishers, 1993.

COBB, Edith – “The Ecology of Imagination in Childhood”. *Daedalus* [em linha] 88:3 (1959), pp. 537-548. [Consultado a 20 maio 2023]. Disponível em linha: <http://www.jstor.org/stable/20026521>.

GREENBLATT, Stephen – “Culture.” In PAYNE, Michael (Ed.) – *The Greenblatt Reader*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, pp. 11-17.

GREENBLATT, Stephen, *et al.* (eds.) – *The Norton Anthology of English Literature*. Vol. I. New York: W.W. Norton & Company, 2006.

HANNA, Ralph – “Literacy, Schooling, Universities”. In GALLOWAY, Andrew (ed.) – *The Cambridge Companion to Medieval English Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp. 172-194.

HORNER, Shari – “En/Closed Subjects: *The Wife's Lament* and the Culture of Early Medieval Female Monasticism”. In LIUZZA, R. M. (ed.) – *Old English Literature: Critical Essays*. New Haven: Yale University Press, 2002, pp. 381-391.

KELLY, Susan – “Anglo-Saxon Lay Society and the Written Word”. In LIUZZA, R. M. (ed.) – *Old English Literature: Critical Essays*. New Haven: Yale University Press, 2002, pp. 23-50.

KENDRICK, Laura – “Visual Texts in Post-Conquest England”. In GALLOWAY, Andrew (ed.) – *The Cambridge Companion to Medieval English Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp. 149-171.

LANGLAND, Elizabeth – *Anne Brontë. The Other One*. Londres: Macmillan Education, 1989.

LEYSER, Henrietta – *Medieval Women*. Londres: Orion Books, 1995.

MARSH, Jan – *The Pre-Raphaelite Sisterhood*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1985.

MARSH, Jan – *Pre-Raphaelite Woman. Images of femininity in Pre-Raphaelite Art*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1987.

MCNAMARA, Jo Ann; WEMPLE, Suzanne – “The Power of Women through the Family in Medieval Europe: 500-1100.” *Feminist Studies* [em linha] 1: 3/4, (1973), pp. 126-141. [Consultado a 23 maio 2023]. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1566483>.

MILL, John Stuart – *The Subjection of Women*. Londres: Lippincott Co., 1869.

RIACH, Alan – *Scottish Literature: An Introduction*. Edimburgo: Luath Press, 2022.

SAUNDERS, Clare Broome – “The End of Chivalry?: Joan of Arc and the Nineteenth-Century Woman Writer”. In *Women Writers and Nineteenth-Century Medievalism*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2009, pp. 79-102.

SIMMONS, Clare A – “Re-Creating the Middle Ages”. In GALLOWAY, Andrew (ed.) – *The Cambridge Companion to Medieval English Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp. 279-298.

TWELLS, Alison – “Making Women: enlightenment, evangelical and medical perspectives”. In *British Women's History: A Documentary History from the Enlightenment to World War I*. Londres: J.B. Tauris, 2007, pp. 11-46.

WILLIAMS, Raymond – “The Analysis of Culture”. In *Cultural Theory and Popular Culture. A Reader*. Georgia: The University of Georgia Press, 1998, pp. 48-56.

WILLIAMS, Raymond – “The Creative Mind”. In WILLIAMS, Raymond – *The Long Revolution*. Peterborough: Broadview Press, 2001, pp. 19-56.

ZUMTHOR, Paul – *A Letra e a Voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

## Webgrafia

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. "Anglo-Saxon". *Encyclopedia Britannica*, 5 Feb. 2025, [Consultado a 5 fevereiro 2025]. Disponível em linha: <https://www.britannica.com/topic/Anglo-Saxon>.

MEDINA, Susana Passos – “ECPHRASIS ou EKPHRASIS”. In *E-Dicionário de Termos Literários* [em linha]. Jan. 2010. [Consultado a 6 janeiro 2024]. Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ecphrasis>.

PERNOUD, Régine – "Eleanor of Aquitaine". In *Encyclopedia Britannica* [em linha], 20 novembro 2024. [Consultado a 5 de fevereiro 2025]. <https://www.britannica.com/biography/Eleanor-of-Aquitaine>.

SCOTT, Sir Walter – "Sir Walter Scott on chivalry". In *Encyclopedia Britannica* [em linha], 5 agosto 2014, [Consultado a 5 de fevereiro 2025]. <https://www.britannica.com/topic/Sir-Walter-Scott-on-chivalry-1987278>.

THE EXETER BOOK. Exeter Cathedral Library and Archives & University of Exeter Digital Humanities Lab [em linha], 2021. [Consultado a 28 maio 2023]. Disponível em <https://theexeterbook.exeter.ac.uk/>

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

LIMA, Sónia Aires – “Ecos Medievais na *Gondal* de Anne Brontë: reflexões culturais sobre as poesias anglo-saxónica e vitoriana”. *Medievalista* 39 (Janeiro – Junho 2026), pp. 171-196. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).